

Raul Hawakati e os filhos em frente à sua nova casa, concebida pelo índio Samuel Karajá, da Ilha do Bananal. "Perspectivas nunca foram tão boas"

Índios habitam agora 12 casas confortáveis e seguras de alvenaria

# Carajás vivem expectativa de reaver terras em Aruanã

**Índios** da aldeia Buridina estão otimistas com a condução do processo de demarcação da área. Mesmo miscigenados, eles procuram resgatar sua cultura

CARLA BORGES

de Aruanã

Os índios carajás da aldeia Buridina, dentro de Aruanã, estão otimistas com a condução do processo de demarcação de suas terras. Visitados em meados de julho pela procuradora da República Rosângela Pofahl Batista, que está acompanhando o caso, eles esperam obter avanços na reunião que será realizada neste mês com os proprietários de imóveis construídos na área que deve ser reincorporada à aldeia.

"Nossa expectativa é de reaver a terra, já que a população está aumentando", justifica o vice-cacique da aldeia Buridina, Raul Hawakati. Atualmente, vivem 73 pessoas na reserva, mas é grande a miscigenação com brancos. Apenas três casais são carajás puros. É o caso de Raul, que tem dez filhos.

Os carajás esperam a incorpo-

ração de uma área de 400 hectares da Fazenda Aricá, a 5 quilômetros da aldeia, e de 600 hectares em frente a Aruanã, pertencentes ao Estado de Mato Grosso. Eles estudam junto com a Funai a execução de um projeto de criação de gado e de horta mecanizada e têm discutido com representantes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) a implantação de um pólo de ecoturismo no local. "As perspectivas nunca estiveram tão boas", comemora Hawakati. Enquanto a demarcação não é concluída, os carajás de Aruanã estão se organizando e construíram 12 casas de alvenaria na aldeia.

## Banheiro

Raul Hawakati conta que a idéia da construção das moradias e do projeto arquitetônico partiu de Samuel Karajá, índio da Ilha do Bananal, que recentemente se formou em Direito. "Por que não fazer casas confortáveis e seguras, já que nossa aldeia está sendo fortalecida?", questionou Samuel. Em novembro do ano passado, eles iniciaram a construção de cinco casas, em regime de mutirão, que contou com a participação de todos os carajás da al-



Iris Rezende, e do governador Maguito Vilela. As casas ainda não têm banheiro. Os índios estão aguardando projeto de saneamento básico, inclusive com implantação de rede coletora de esgoto, da Fundação Nacional de Saúde (FNS). Além de proporcionar instalações mais adequadas, as novas casas chamam a atenção de turistas, pela forma organizada como foram distribuídas pela aldeia.

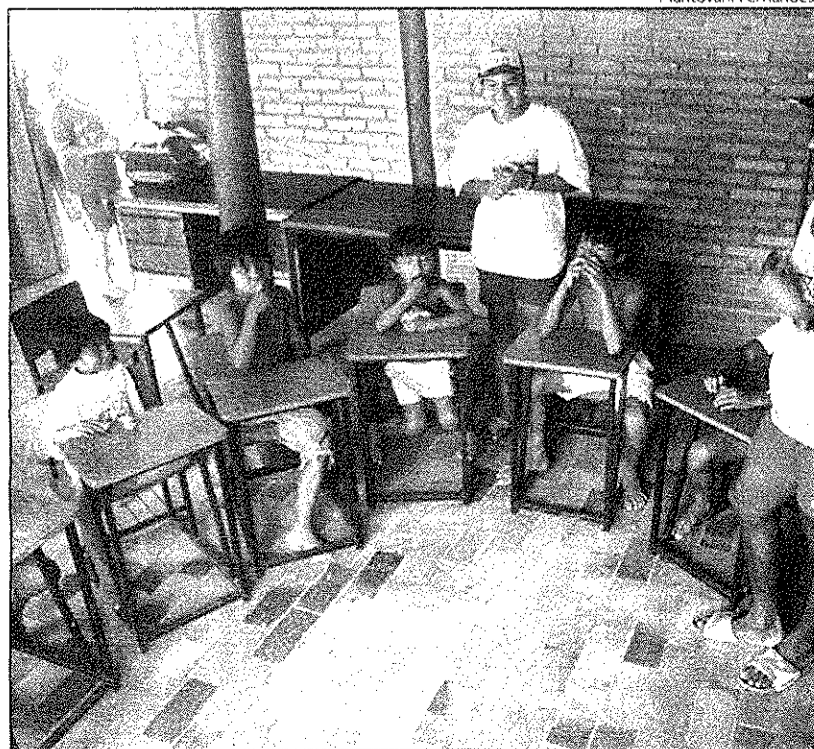
## Artesanato

A redução no número de turistas é um dos fatores apontados pelo vice-cacique da aldeia Buridina para o fraco desempenho das vendas de artesanato. Ele comenta que, normalmente, o período de alta temporada não é muito favorável para o comércio dos objetos produzidos dentro da aldeia por causa da concorrência dos próprios familiares, índios carajás que vêm da Ilha do Bananal e vendem artesanato diretamente nas praias de Aruanã.

"Eles vendem a preço mais baixo, mas isso cria uma situação delicada, porque todos somos da mesma família", explica Raul Hawakati. Para ele, as melhores ocasiões para venda de artesanato são os feriados, principalmente de 7 de Setembro e carnaval.

## Ação de resgate cultural dá resultado

Mantovani Fernandes



Crianças voltam a ter contato com a língua, já esquecida por muitos

O projeto de resgate da cultura carajá, iniciado pelos próprios índios sob orientação de Raul Hawakati, apresenta os primeiros resultados. Na aldeia Buridina, o contato prolongado com os brancos e a exposição acentuada à televisão provocaram um esquecimento de grande parte dos costumes e da própria língua. Além da escola bilingüe, onde as crianças voltam a ter contato com o idioma carajá, o Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi auxilia no processo. Duas publicações em carajá já foram lançadas.

A primeira é o jornal *Iny Rubê*, título que, traduzido, significa história carajá. O vice-cacique da aldeia, Raul Hawakati, escreveu o texto principal, Yré-my ijyy, que conta a história de Yré, um índio solitário. Mesmo sendo um dos mais ferrenhos defensores da volta às origens, que só fala com os filhos em carajá, Raul levou duas semanas para conseguir escrever um texto de 35 linhas. "Nossa lín-

gua é muito difícil", explica. No jornalzinho, até o nome do autor veio no dialeto próprio. Raul virou Hawakati Ijykudu.

## Primeiro livro

A outra publicação é o primeiro livro de leitura da série natureza, um projeto que envolve, entre outros, a coordenação dos trabalhos no centro indígena, Maria do Socorro Silva do Vale, da Funai, e os professores bilingües Mônica Veloso Borges e Eduardo Rivail Ribeiro, ambos da Universidade Federal de Goiás. O livro é destinado especificamente à aldeia Buridina e traz uma particularidade do idioma carajá, a forma diferenciada da língua para homens e mulheres. Cada página refere-se a um animal e tem as duas formas escritas. Onça, por exemplo, é halòkòè, na linguagem feminina, e halòè, na masculina. Capivara é kuè entre as mulheres e uè entre homens.